

Resenha:**Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**

(CRARY, Jonathan. [tradução de Verrah Chamma; organização Tadeu Capistrano]; Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. IL. ArteFíssil)

Alisson GUTEMBERG¹

O Século XIX inaugurou um novo momento social, cultural e político dentro do contexto mundial. As formas de pensar, de agir e até mesmo, de olhar o mundo sofreram modificações e se consolidaram por meio de novas configurações. O sujeito, antes isolado, a partir desse contexto, passou a interagir de forma cada vez mais acentuada dentro de um espaço repleto de informações, tornando o próprio meio a mensagem, como diz McLuhan. A urbanização revelou novos hábitos, dentro de uma sociedade que começava a modificar toda uma estrutura fixa, interferindo, até mesmo, na relação do olhar, que passou a ser móvel - como o *flâneur*² - descrito por Baudelaire e Walter Benjamin.

A partir disso, Jonathan Crary – Professor do Departamento de História da Arte da Universidade de Colúmbia, em Nova York – dialoga com diversos pensadores que se debruçaram sobre as mudanças ocorridas na percepção do olhar, passando desde a câmara escura até o estereoscópio, além é claro, de uma breve introdução sobre o posterior surgimento da fotografia e do cinema, por exemplo. O autor busca intercalar uma contextualização dentro desse processo, por meio de um debate proposto através dos estudos de Nietzsche, Goethe, Marx, Newton, Kant, dentre outros pensadores, com o intuito de estabelecer conceitos de cada momento específico, mas deixando clara a especificidade referente a cada processo. O livro possui cinco capítulos, são eles: a modernidade e o problema do observador, a câmara escura e seu sujeito, visão subjetiva e separação dos sentidos, técnicas do observador e abstração visionária.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC / UFPB). E-mail: alissongutemberg.jornalista@gmail.com

² Adjetivo derivado do verbo francês *flâner* e significa passear; passear no sentido de passar o tempo, vagar. O *flâneur* é um observador da vida urbana.

No primeiro capítulo, *A modernidade e o problema do observador*, Crary começa falando sobre uma nova configuração na relação do olhar estabelecida através das máquinas. O autor aborda sobre o desenvolvimento de uma variedade de técnicas de computação gráfica que estão estabelecendo uma reconfiguração das relações entre o sujeito que observa e os modos de representação. Para compreender esse contexto, Jonathan propõe algumas indagações, como por exemplo: qual a relação entre as imagens desmaterializadas, ou digitais, do presente e a assim chamada era da reprodutibilidade técnica? Ao mesmo tempo, quais os elementos de continuidade ligam a produção contemporânea das imagens com as antigas organizações do visual? Em seguida, Crary deixa claro o papel de sua obra, ao afirmar que o livro não trata diretamente sobre essas questões atuais, mas procura sim, reconsiderar e reconstruir uma parte dos seus antecessores históricos. O autor segue apresentando o seu trabalho e pontua que grande parte da obra analisa como, desde o início do século XIX, um novo conjunto de relações entre o corpo, de um lado, e as formas do poder, de outro, redefiniram o sujeito observador.

Sendo assim, Crary sugere que no início do século XIX ocorreu uma transformação mais abrangente na constituição da visão, porém tal modernização havia começado décadas antes. O autor propõe a câmara escura como paradigma do estatuto dominante do observador nos séculos XVII e XVIII. Já com relação ao século XIX ele aborda sobre uma variedade de instrumentos ópticos, em particular o estereoscópio, como meios satisfatórios para especificar as transformações do observador.

No capítulo *A câmara escura e seu sujeito*, o autor busca contextualizar a câmara escura dentro do processo da tradição visual. Crary apresenta referências nos pensamentos de Leibniz, Descartes, Newton e Locke, e assim, estabelece importâncias ao aparato dentro do contexto citado. Para o autor, o surgimento da fotografia e do cinema no século XIX é a realização de um extenso desenvolvimento tecnológico/ideológico no Ocidente, no qual a câmara escura evolui para a câmera fotográfica.

A intenção de Jonathan, dentro do capítulo, é situar o modelo de visão da câmara escura nos parâmetros de sua especificidade histórica, e em seguida, apontar como e por

quais motivos esse modelo entrou em declínio. De acordo com Crary, durante os séculos XVII e XVIII a câmara escura foi o modelo mais utilizado para explicar a visão humana. Para o autor, esse dispositivo foi muito mais do que apenas um aparelho óptico, porém – a partir de um diálogo entre Crary e diversos pensadores – o autor postula que já nos escritos de Marx, Bergson, Freud e outros, o dispositivo que antes havia sido considerado o lugar da verdade, torna-se, posteriormente, um modelo que obscurece e oculta essa mesma verdade.

Para compreender a relação entre os dispositivos ópticos e o observador, Crary afirma que é fundamental a percepção de que o aparelho e o sujeito são duas entidades distintas, a identidade do observador existe independente do aparelho técnico. O autor ainda se apropria do pensamento de Gilles Deleuze para estabelecer algumas ideias a cerca da câmara escura. Jonathan cita Gilles ao afirmar que as máquinas são sociais antes de serem técnicas. Para ele, é óbvio que a fotografia teve fundamentos técnicos e estruturais que relacionam com a câmara escura, porém - para Crary – esses dois aparelhos pertencem a ordenações fundamentalmente diferentes de representação: a câmara escura define a posição de um observador interiorizado em relação ao mundo exterior. Antes de mais nada, ela realiza uma operação de individualização, ela define um observador isolado, recluso e autônomo.

Desta forma, para Jonathan Crary, seria um engano apresentar a câmara escura como um estágio inicial de uma reestruturação da visão, que prosseguem nos séculos XIX e XX: a visão pode ser privilegiada em momentos históricos distintos de maneiras, não necessariamente, contínuas entre si. O surgimento de um novo observador, nos séculos citados, se relaciona com a ascensão de uma conjuntura em que a mobilidade do olhar se torna imprescindível, onde não cabia mais, por exemplo, a necessidade gerada pela câmara escura de separar o ato de ver do corpo físico do observador.

No terceiro capítulo, *Visão subjetiva e separação dos sentidos*, o autor inicia utilizando como ponto referencial a obra *Doutrina das cores* de Goethe. Crary estabelece um diálogo entre Goethe e Newton apontando pontos comuns e distintos no pensamento de ambos, tendo como consequência, a partir dos pontos que diferem, um afastamento do pensamento de Goethe com a lógica da câmara escura.

No exemplo citado no livro, Crary afirma que, a sugestão de Goethe para fechar o orifício, durante um experimento com as cores, estabelece uma negação do modelo proposto pela câmara. E assim, para Jonathan, a subjetividade presente no corpo do observador, que foi excluída do conceito de câmara escura, torna-se fundamental no processo de observação. Posteriormente, Crary busca nos escritos de Kant conceitos a cerca dos estudos sobre o observador, onde a visão, em vez de ser uma forma privilegiada de saber, torna-se um objeto do conhecimento.

Seguindo com os diálogos estabelecidos no terceiro capítulo, Crary ainda busca uma associação entre o pensamento de Goethe, e posteriormente, o de Schopenhauer, onde para ambos, a visão é formada por dois pontos, de um lado elementos que pertencem ao corpo do observador e, do outro, dados oriundos de um mundo externo. Como elementos distintos dentro das ideias dos dois pensadores citados, Jonathan afirma que Schopenhauer abandonou a classificação goethiana das cores em fisiológicas, físicas e químicas. Para Crary, Schopenhauer antecipou a estética e a teoria da arte modernista em seu pressuposto de uma articulação com uma percepção artística autônoma.

Desta forma, Crary aponta um deslocamento do processo de observação a partir dos autores citados. A representação das imagens aparece associada com o indivíduo, o observador passa a ter uma autonomia perceptiva. Por isso, como afirma Jonathan, o corpo estava se tornando o lugar tanto do poder como da verdade. O autor ainda cita a obra *Manual da fisiologia humana* de 1833, escrita por Johannes Muller, como um marco no campo da óptica fisiológica e na formação de um novo observador: o livro apresentava um observador radicalmente distinto do comum no século XVIII. E assim, para Crary, a cultura visual da modernidade coincidiria com essas técnicas do observador que são apresentadas durante o capítulo.

O quarto capítulo, *Técnicas do observador*, retrata sobre aspectos relacionados com a pós-imagem. O estudo experimental da pós-imagem teve início em meados da década de 1820. Tal estudo estimulou a invenção de um número vasto de técnicas e aparelhos ópticos. Segundo Crary, de início, os aparelhos tiveram como propósito a observação científica, mas logo se transformaram em forma de entretenimento popular.

Jonathan, mais uma vez, vai buscar nos escritos de Goethe referências para compor seu pensamento. De acordo com o autor, o privilégio da pós-imagem permitiu conceber uma percepção sensorial separada de qualquer vínculo existencial ou algum referencial externo. Ele ainda cita Purkinje e afirma que este forneceu a primeira classificação formal dos modelos distintos de pós-imagens. Em seus estudos, segundo Crary, o discurso dos sistemas refrativos nos séculos XVII e XVIII, foi deixado de lado em detrimento de um mapeamento do olho como território produtivo, com zonas variáveis de eficiência e aptidão.

Posteriormente, Jonathan Crary aponta alguns aparelhos ópticos inventados durante o período citado, como por exemplo: taumatrópio (John Paris, 1825), roda de Faraday (Michael Faraday, 1831), fenacístoscópio (Plateau, 1830) caleidoscópio (David Brewster, 1815), estereoscópio (Charles Wheatstone e Sir David Brewster, 1838) e outros. Segundo as ideias apresentadas no terceiro capítulo, esses instrumentos foram matrizes importantes de um desenvolvimento tecnológico definitivo no final do século, o cinema. Para Crary, existe uma ligação forte entre o cinema e essas máquinas. Contudo é importante perceber que há uma tendência em agrupar todos os dispositivos ópticos e colocá-los como parte coletiva. Porém, de acordo com Jonathan, essa abordagem unificada ignora as singularidades de cada um dos aparelhos.

As ideias de Marx também são apresentadas. De acordo com o autor, Marx afirma que uma das grandes inovações do século XIX foi a forma como o corpo tornou-se adaptável as “poucas, mas profundas formas de movimento.” Desta forma, Crary afirma que uma característica importante da modernização foi a libertação da visão de um sistema representacional mais inflexível, proporcionado pela câmara escura. Para Jonathan, a forma mais importante de imagem visual no século XIX, fora as fotografias, foi o estereoscópio: esse instrumento tem sua própria história confundida com a fotografia, porém sua invenção é totalmente independente.

Sendo assim, o autor busca, através da contextualização histórica e por meio da apresentação das características pertencentes a cada aparelho, observar de que forma esses contribuíram no processo de mudanças relacionadas com as representações exteriores e com o olhar do observador. Crary aponta algumas relações entre o

estereoscópio e a pintura, por exemplo, mais precisamente na obra de Coubert, porém para ele, o realismo presente do aparelho e a experimentação de certos pintores eram inseparáveis de um contexto que possibilitou o surgimento de um novo espaço óptico. Assim, o autor finaliza o capítulo afirmando que a percepção da modernidade está relacionada com um espectador corporificado, mas, segundo Jonathan, o triunfo depende da negação do corpo, pulsações e espectros, como fundamentos da visão.

Por fim, no quinto e último capítulo, *Abstração visionária*, Crary afirma que o colapso da câmara escura como mecanismo da condição do observador foi elemento de um processo de modernização, mesmo que a câmara tenha sido um elemento anterior a modernidade, ela ajudou a definir um indivíduo individualizado no século XVII. As mudanças ocorridas durante o período moderno estão relacionadas com ideias presentes nas obras de Goethe, Schopenhauer, Ruskin, Turner e outros pensadores, onde até 1840, o processo da percepção tornara-se um objeto primordial da visão. O novo conceito de observador, apontado principalmente por Turner, está relacionado com a percepção a partir do sol, suas pesquisas divulgaram que o corpo é lugar e produtor dos eventos cromáticos.

Desta forma, a partir dos escritos de Crary, a obra de Turner indica experimentações e inovações na articulação de novas linguagens, formas e efeitos tornados possíveis pela abstração e a autonomia referente da percepção fisiológica. Porém, como afirma Foucault, esse mapeamento técnico não é a questão mais salutar das ciências humanas no século XIX, mas sim a forma como o sujeito humano se ajustou a novos arranjos de poder. Jonathan Crary busca no pensamento de Nietzsche a ideia de que o “mundo real” representado pela câmara escura não era mais útil: a modernidade não devia ser representada por essas identidades imutáveis. Um observador mais adaptável, livre e produtivo, era necessário num mundo repleto de signos e imagens indiferentes. E o corpo que antes era um termo neutro na visão, tornou-se uma dimensão imprescindível no processo de reconhecimento do observador.

A partir do que foi apresentado no resumo acima, nota-se que Jonathan Crary priorizou em sua obra contextualizar através de uma busca, por meio de estudos desenvolvidos e teorias, os processos relacionados com a alteração do estado do

observador durante o século XIX. Ele estabelece um diálogo consistente com diversos pensadores que analisam de que forma esse processo foi possível durante o século citado. Para tanto, também são apresentados aparelhos que influenciaram e consolidaram, posteriormente, o amadurecimento do observador, com o surgimento da fotografia e do cinema, por exemplo. No entanto Crary deixa claro que antes de qualquer associação é preciso observar a contextualização e as características individuais de cada instrumento específico.

Podemos observar também que o autor prioriza, mesmo citando a relação de todo esse processo com o contexto histórico, a análise a partir da historiografia dos aparatos técnicos, na tentativa de nortear o leitor. Partindo dessa premissa, Crary deixa de apontar aspectos mais sólidos sobre o contexto social e cultural. Aspectos que são fundamentais na consolidação de um observador móvel e independente, como por exemplo, o surgimento da estrada de ferro, lojas de departamento, cartazes urbano e uma vida urbana agitada, exemplos que são citados em diversas obras - como por exemplo, *O cinema e a invenção da vida moderna*, organizado por Leo Charney e Vanessa R. Schwartz - como fatores imprescindíveis para o surgimento de um novo observador no século XIX,.